

# “O Conceito de Utopia na proposta Paulofreireana”\*

Sônia Teresinha Felipe\*

O pensamento que norteia a proposta de Paulo Freire é utópico.

De modo geral o termo utopia evoca dois significados: o de algo que não existe e/ou o de algo difícil de ser concretizado. Do grego, u = não existente e topos = lugar.

Hoje, além de conservar internamente este significado, o termo é utilizado para nomear outros tipos de manifestações humanas, não apenas no campo literário ou filosófico. Entre as novas significações acham-se as de *fantasia*, *ideal*, *experimento*<sup>1</sup>, etc..

O uso do adjetivo utopia referindo-se à fantasia, denota um juízo de valor a respeito daquilo que está sendo considerado. “Fantasia”, pode remeter a sonhos inúteis, quimeras, algo impossível de ser concretizado, e assim por diante. Aquele que designa o pensamento de outro ou o seu próprio de utópico significando fantasia, pode estar revelando uma grande resistência à mudança que a utopia enseja.

A utopia, para Freire, se caracteriza como um modo de estar-se no-mundo, que exige um conhecimento da realidade, pois conhecer é possibilidade de “pro-jetar”, lançar-se adiante, buscar. O homem busca porque não está completamente “acabado”, por ser “inconcluso”, por “esperar”. A esperança é o eixo que faz do homem um ser capaz de caminhar para a frente na realização da sua história.

O homem tem considerado muitas fantasias como não realizá-

---

\* Este artigo é parte da dissertação de Mestrado defendida em 1979 — PUC/RS intitulada: “O elemento utópico na pedagogia do oprimido”, pela autora do presente — Prof<sup>a</sup> Sônia Teresinha Felipe — Depto. de Filosofia da UFSC.

<sup>1</sup> Jerzy SZACHI. *As utopias*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972. p. 2.

\* Professora do Departamento de Filosofia, Mestre em Filosofia pela PUC do Rio Grande do Sul.

veis em consequência de limitações as mais diversas, desde as materiais, sociais, até as psíquicas<sup>2</sup>. O rompimento dessas barreiras, segundo Freire, se dá mais e mais à medida que o homem penetra no conhecimento da estrutura social da qual faz parte, tenha consciência disto ou não. Assim, na Revolução Francesa, os monarquistas chamavam de utópico o sonho de uma República<sup>3</sup>.

O termo utopia, neste sentido específico, adquire uma conotação pejorativa devido ao não revelado menosprezo por idéias inovadoras. A fim de esconder esta faceta, diz-se que a idéia não pode ser concretizada por não existirem condições para a sua realização. Muitas vezes, porém, por trás deste argumento, podem alinhar-se outros que intencionam justificar a omissão na tarefa de mudança social, mantendo dessa maneira o favorecimento dos "ideólogos conservadores"<sup>4</sup>.

No sentido não pejorativo de fantasia, a utopia é uma construção mental que apresenta um mundo diferente onde se efetiva a felicidade humana. Tem um caráter de "antecipação" que às vezes chega a ser realizada não completamente, outras vezes não se realiza nem parcialmente<sup>5</sup>. Fantasiar é criar um sistema de pensamentos que estão mais além da realidade e a sobrepassam. Existe um vácuo, porém, entre esta construção mental que vai além da realidade e a tentativa de instaurar a mudança pensada.

Essa dificuldade apontada por Jerzy, também o foi por Freire, que afirma a dupla habilidade necessária ao homem no projeto utópico: a de não ignorar o passado, o já feito, e a de não ignorar que este é o fundamento que serve como ponto de referência para continuar o processo da humanização<sup>6</sup>. Mas quando se age sobre determinada situação a fim de modificá-la, já se perde de vista as

---

2 "Chamando-se de utópico tudo o que ultrapasse a presente ordem existente, afasta-se a ansiedade que poderia ser provocada pelas utopias relativas, viáveis em outra ordem". Karl MANNHEIM, *Ideologia e Utopia*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1972. p. 221.

3. Jerzy SZACHI, *Ibid.* p. 4.

4. *Ibid.*

5. *Ibid.* p. 6. também Karl MANNHEIM faz esta distinção entre utopia relativa e utopia absoluta. V. *Ideologia e Utopia*. p. 221.

6. "A educação crítica é a 'futuridade' revolucionária. Ela é profética e, como tal, portadora de esperança — e corresponde à natureza histórica do homem. Ela

particularidades imaginadas em fantasias. Existe, no entanto, alguma coisa na utopia que não pode ser perdida de vista e Jerzy a denominou de "seus elementos fundamentais". Assim, no que diz respeito ao fundamental das propostas utópicas, praticamente todas foram concretizadas<sup>7</sup>.

Além da conotação de fantasia aplicada à palavra utopia, esta pode ainda referir-se a um mundo onde sejam melhores as condições de vida, e as relações humanas. Quando se fala em utopia como "ideal de vida humana", não há explicitamente uma preocupação sobre se esse ideal é possível de ser concretizado ou não<sup>8</sup>.

O fato de se elaborar uma construção ideal de uma sociedade vincula-se, necessariamente, à constatação de que esta sociedade a partir da qual realizou-se a "utopia", não satisfaz o homem e por isso é necessário mudar seus valores.

A utopia no sentido *ideal*, portanto, é um paralelo que se faz para criticar a sociedade concreta que aí está. São "todos os sistemas baseados numa oposição frente às relações atualmente existentes e na proposição de outras mais adequadas às necessidades humanas fundamentais"<sup>9</sup>.

Concluir que a realidade que aí está não é boa para o homem e crer que é possível concretizar outra são os dois momentos mais importantes da teoria de Freire sob a designação de utopia. Esses momentos são o de "denúncia" e "anúncio", característicos do Autor: "Somente podem ser proféticos os que anunciam e denunciam, comprometidos permanentemente num processo radical de transformação do mundo, para que os homens possam ser mais. Os homens reacionários, os homens opressores não podem ser utópicos. Não podem ser proféticos e, portanto, não podem ter esperança"<sup>10</sup>.

Tal esperança evocada por Freire é a de que é perfeitamente admissível para o homem supor que a realidade futura pode ser feita diferentemente da passada. Não há esperança numa atitude

---

afirma que os homens são seres que se superam, que vão para a frente e olham para o futuro, seres para os quais a imobilidade representa uma ameaça fatal, para os quais ver o passado não deve ser mais que um meio para compreender claramente quem são e o que são, a fim de construir o futuro com mais sabedoria. Ela se identifica, portanto, com o movimento que compromete os homens como seres conscientes de sua limitação, movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo". Paulo FREIRE. *Conscientização. Teoria e prática da libertação*. São Paulo, Cortez & Moraes, 1979, p. 81-2

7. Jerzy SZACHI, *Ibid.*, p. 7.

8. *Ibid.*

9. *Ibid.*

10. Paulo FREIRE, *Ibid.*, p. 28.

que reivindique para o futuro o mesmo passado. A luta pelo diferente é a própria esperança, o trabalho contínuo da transformação. Nas palavras do Autor:

“A conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica utopia. Quanto mais conscientizados nos tornarmos mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos. Mas esta posição deve ser permanente: a partir do momento em que denunciamos uma estrutura desumanizante sem nos comprometermos com a realidade, a partir do momento em que chegamos à conscientização do projeto, se deixamos de ser utópicos nos burocratizamos; é o perigo das revoluções quando deixam de ser permanentes. Uma das respostas geniais é a da renovação cultural, esta dialetização que, propriamente falando, não é de ontem, nem de hoje, nem de amanhã, mas uma tarefa permanente de transformação”<sup>11</sup>.

Utópico pode ser ainda qualquer um que constate erros numa sociedade e que, em conseqüência, elabore meios para sanar os mesmos ou sugira modos de eliminar as condições não satisfatórias na qual se encontram os homens. Cria-se então um ideal de sociedade que nascendo da insatisfação gerada pelas condições existentes, representará a negação das mesmas em nome de uma ordem mais justa e mais humana. Deste modo é que em virtude da precariedade de uma determinada situação, podem surgir diversas utopias<sup>12</sup> no desejo de formular o que é o ideal para o homem. O que as tornará distintas é o modo como atuarão na realidade para conseguir realizar-se<sup>13</sup>.

---

11. *Ibid.* p. 29.

12. "... (a) utopia não ocorre em um campo independente da vida social. Seria possível demonstrar que, pelo contrário, especialmente em desenvolvimentos históricos modernos, as sucessivas formas de utopia se acham no início, intimamente vinculadas a dados estágios históricos de desenvolvimento e, em cada um destes, a particulares estratos sociais". Karl MANNHEIM, *Op. cit.* p. 230.

13. "Os construtores de mundos melhores pertencem todos a uma só família, e o que os divide são as condições em que agem e os meios que podem e desejam lançar mão". Jerzy SZACHI, *Op. cit.* p. 9.

Mas Paulo Freire, quando se diz utópico quer exatamente excluir a possibilidade de adotar uma concepção de utopia na qual o futuro seja algo predeterminado.

Não há, em qualquer momento de suas obras, uma descrição ideal de como será a sociedade e o “homem novo” que a Pedagogia do Oprimido quer construir. O que sempre está presente é a defesa constante da necessidade de transformação negando dois mitos da sociedade opressora: o de que a realidade é estática, totalmente constituída por leis contra as quais os homens nada podem fazer, e o de que a realidade é mecânica e suas mudanças acontecem por si mesma sem a participação do homem.

A utopia, em Freire, é pois um movimento dialético de transformação das estruturas sociais, impulsionado pela “esperança” de que o homem pode cada vez “ser mais” na história da sua humanização. Nada neste processo é permanente, exceto a busca deste “ser mais”.

“... O caráter utópico desta pedagogia é tão permanente quanto a educação mesma. Seu mover-se entre a denúncia e anúncio não se esgota quando a realidade denunciada hoje cede seu lugar à nova, mais ou menos anunciada naquela denúncia. É bem verdade porém, que há uma diferença fundamental entre o ato da denúncia e do anúncio numa sociedade de classes e o mesmo ato numa sociedade que se refaz numa perspectiva socialista. De qualquer maneira, quando a educação já não é utópica, isto é, quando já não se faz na desafiante unidade da denúncia e do anúncio, é porque o futuro perde sua real significação ou porque se instala o medo de viver no risco do futuro como superação criadora do presente que envelhece”<sup>14</sup>.

Mas a categoria “futuro” não é idealizada, detalhada, caracterizada em pormenores, conforme as demais utopias<sup>15</sup>.

---

14. Paulo FREIRE, “Ação cultural para a libertação”, in: *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p. 59.

15. Como exemplos podem ser citadas: *A República*, de PLATÃO, *A Cidade do Sol*, de Tomás CAMPANELLA, *A Utopia*, de Tomas MORE, *Walden II*, de SKINNER.

A utopia tida como “ideal” recebe ainda duas especificações: pode ser uma construção puramente intelectual de uma situação que melhor convém aos homens — neste caso seria um trabalho comparativo entre valores atuais e os novos valores que o homem deveria adotar, sem comprometimento algum com a concretização do ideal; mas pode ser também uma descrição detalhada das particularidades do novo modo de vida proposto, como o das utopias clássicas já citadas.

As duas especificações de utopia “ideal” são confirmadas, segundo Jerzy, pelos conceitos de Mounier e Sorel. Para esses a utopia é um termo que só pode ser aplicado a essas construções ideais que projetam uma sociedade melhor, ou que especificam seu modo de ser<sup>16</sup>. Para Jerzy, a crítica de Engels ao pensamento utópico, baseou-se numa concepção de utopia no sentido idealista<sup>(17)</sup>. Diferenciando-se dos citados autores, Mannheim “... (reserva-se) justamente para aqueles ideais sociais que anunciam movimentos de massa futuros e podem vir a ser realizados por eles”<sup>18</sup> o conceito de utopia. Mas, a concepção da mesma no sentido de fantasias e/ou no de antecipação nunca foge de uma visão idealista da mesma<sup>19</sup>.

Em sua proposta utópica, Paulo Freire não pode ser lido sob o enfoque idealista, pois ele: nem antecipa o novo modo de ser humano na sociedade a ser inventada, nem idealiza tal modo de ser. Inexiste em sua teoria, tanto uma descrição do “ser”, quanto do “dever ser”. O que ele estabelece é apenas o princípio sobre o qual o “novo homem” se construirá: com o processo de libertação ou conscientização não mais existem as classes opressora, oprimida. Deste processo é que deve nascer o “homem novo”. Ele é a superação da contraditoriedade existente na sociedade opressora.

Nessa há apenas duas classes ou grupos sociais: a do opressor e a do oprimido. No entanto, quando se inicia o processo de conscientização, surge uma terceira, que é a da liderança emergente. Ao

---

1984. de George ORWELL. *Admirável Mundo Novo*, de HUXLEY, *Nós*, de ZAMYÁTIN.

16 Jerzy SZACHI. *Op. Cit.* p. 10.

17 *Ibid.*

18 *Ibid.*

19 *Ibid.*

chegar de fato ao processo de libertação, as três dão lugar apenas ao "homem", sem distinção de categoria. Juntos, eles passam a lutar pela própria humanização. O princípio esperança que conduz a reflexão de Freire, se expressa desse modo:

".... É pois essencial que os oprimidos levem a termo um combate que resolva a contradição em que estão presos, e a contradição não será resolvida senão pela aparição de um 'homem novo': nem o opressor, nem o oprimido, mas um homem em fase de libertação. Se a finalidade dos oprimidos é chegar a ser plenamente humanos, não a alcançarão contentando-se com inverter os termos da contradição, mudando somente os pólos"<sup>20</sup>.

Aqui o Autor claramente se distingue da tradicional postura utópica para adotar no seu conceito de utopia, um novo significado. Contrariando as utopias clássicas, em Freire "o futuro não pode ser uma simples repetição do presente" e por isto torna-se necessária uma constante reflexão sobre as ações para que o oprimido se liberte pouco a pouco do presente opressor ao qual está preso. No início do processo da conscientização a atitude verificada nos oprimidos não é ainda utópica, porque eles "hospedam" o opressor e este por sua vez, não é utópico também<sup>21</sup>.

Essa atitude do oprimido não deve, porém, ser tomada como uma qualidade de seu ser. São as condições reais nas quais existe, que o levam a ser, num dado momento, antiutópico, ao querer repetir a história que o constituiu, ou seja, querer também por sua vez, oprimir. É possível para ele um novo modo de ser no qual se

---

20 Paulo FREIRE. *Conscientização. Teoria e prática da libertação*. p. 59.

21 "... Nesta situação, os oprimidos não vêm ao 'homem novo' como aquele que deve nascer da contradição, uma vez resolvida, quando a opressão dê lugar à libertação. Para eles, o homem novo são eles mesmos, convertidos em opressores. Sua visão é individualista, por causa de sua identificação com o opressor: não têm consciência de si mesmos enquanto pessoas, enquanto membros de uma classe oprimida. Não é com o objetivo de serem homens livres que desejam a reforma agrária, e sim para adquirir uma terra e deste modo converterem-se em proprietários ou, mais precisamente, em patrões de outros trabalhadores... A revolução que transforma uma situação concreta de opressão, lançando o processo de libertação deve ainda enfrentar este fenômeno. Muitos dos oprimidos que participam direta ou indiretamente na revolução, condicionados pelo mito da antiga ordem, buscam fazer dela sua própria revolução." Paulo FREIRE, *Ibid.* p. 58.

configure como “homem”. Essa possibilidade é a direção na qual o oprimido se encontra quando assume seu processo de libertação. Passa a negar a realidade que o oprime e a desejar outra realidade que só será alcançada, e nunca definitivamente<sup>22</sup>, pela revolução libertadora.

Mais uma vez a lógica de Freire se enquadra na lógica utópica, agora considerando-se utopia no sentido de experimento, imaginação, etc.. Ao classificar as utopias, Jerzy introduz um caso que denomina “experimento” por ser adotado em toda investigação científica como construção que permite artificialmente obter respostas que se farão depois objetivadas na descoberta. O utopista imagina uma determinada coisa, uma situação, para obter a partir disso um conhecimento mental e possibilitar o exercício de suas hipóteses. Constrói um modelo hipotético e com ele estabelece paralelos que auxiliam o avanço do conhecimento. Jerzy exemplifica: “A utopia de More pode ser lida como uma resposta, por exemplo, à pergunta: ‘Como seria a sociedade caso não existisse a propriedade privada?’. A utopia de Bacon é, deste ponto de vista, uma experiência que visa esclarecer os resultados de uma utilização generalizada de métodos científicos, etc.”<sup>23</sup>.

Ainda segundo o mesmo autor, o que não se pode afirmar é que toda e qualquer atitude que objetive a modificação de uma faceta da realidade, seja uma utopia. A não ser que essa seja essencial à condição humana<sup>24</sup>.

Seguindo as exigências da lógica utópica, Freire vai exigir do processo revolucionário um ato contínuo e total de conhecimento. Para não focar apenas uma parcela da realidade a ser transformada, a cada passo o homem precisa “tomar distância” do mundo que constitui a sua ação, para através do “distanciamento”, melhor

---

22 “... porque não me é possível prefigurar uma província histórica que se constituísse como um reino de absoluta liberdade, entendo a libertação como um processo permanente dentro da história. É neste sentido também que a revolução é permanente e que a revolução que foi já não é, pois que para ser tem de estar sendo”. Paulo FREIRE, “A alfabetização de adultos: é ela um quefazer neutro?”, in: *Educação & Sociedade. Revista quadrimestral de ciências da educação*, São Paulo, Cortez & Moraes/UNICAMP, 1(1): 67, set. 1978.

23 Jerzy SZACHI, *Op. Cit.* p. 11-2.

24 *Ibid.* p. 13.

projetar sua nova ação. Essa práxis é um movimento contínuo de ir e vir que não permite o fim ou parcelamento da utopia. O homem que pára, é o que está satisfeito, o que não possui desejo de “ser mais”. A pedagogia do oprimido enquanto pretende ser uma pedagogia da libertação permanente é utópica, porque:

“... não ‘domesticando’ o tempo, recusa um futuro pré-fabricado, que se instalaria automaticamente, independentemente da ação consciente dos seres humanos. Utópica e esperançosa porque pretendendo estar a serviço das classes oprimidas, se faz e se refaz na prática social, no concreto, e implica na dialetização da denúncia e do anúncio, que têm na práxis revolucionária permanente, o seu momento máximo”<sup>25</sup>.

Retomando o binômio “denúncia/anúncio” de Freire se pode voltar à caracterização de utopia proposta por Jerzy. Ele pressupõe sem dúvida, que “utopia é o lugar que não existe”. Mas além desta característica, há outras que estão implícitas na noção de utopia:

1. uma insatisfação definitiva com a realidade existente;
2. um sonho ou antecipação ou projeto para uma nova realidade;
3. um desacordo radical entre a realidade e a utopia projetada.

A utopia nasce, portanto, quando se rompe o elo entre o “ser” e o “dever ser” na consciência dos homens<sup>26</sup>. A sociedade em crise é que pode produzir utopia, pois este espaço não existe naquela onde tudo é concebido como “devendo ser o que é”. Por isto, o homem conservador é essencialmente “antiutópico”<sup>27</sup>.

A utopia, no sentido da ruptura com o existente, é então o espaço da liberdade. Essa só se realiza, se disser respeito a uma alternativa que projete o homem em sua totalidade, não em partes a serem reformadas. O pensamento utópico é o ato, segundo Freire, de “tornar possível o impossível”<sup>28</sup>.

Como um ato de liberdade considerado do ponto de vista de

---

25 Paulo FREIRE, “Ação cultural...”, p. 59.

26 Jerzy SZACHI, *Op. Cit.* p. 13

27 *Ibid.* p. 4.

28 “A verdadeira paciência, associada sempre à autêntica esperança, caracteriza a atitude dos que sabem que para fazer o impossível, é preciso torná-lo possível. E a melhor maneira de tornar o impossível possível é realizar o possível de hoje”. Paulo FREIRE, “Ação cultural...”, p. 61.

uma sociedade opressora, tal pretensão parecerá mesmo impossível e a alternativa como algo bastante radical. Ela se refere á “totalidade da ordem humana”.

Segundo Jerzy:

“... (o homem utópico) não vê coisas boas e coisas más, vê somente o bem e o mal. Sua visão do mundo é inevitavelmente dualista. É um indivíduo que raciocina sempre segundo o esquema ‘ou... ou’. Não pensa simplesmente na transformação das relações sociais, mas na transformação de relações más em boas. Queima as pontes entre o ideal e a realidade antes mesmo que sejam construídas. Na época das velas imagina uma eletrificação universal, enquanto que outros oferecem lamparinas. É um maximalista... . Acredita que a humanidade pode recomeçar tudo desde o começo. Não se interessa pelo ‘melhor’, pergunta sempre pelo ‘bom’”<sup>29</sup>.

Continuando sua caracterização do utopista, escreve mais adiante: “É utopista quem deseja substituir uma realidade *absolutamente* má por outra *absolutamente* boa”<sup>30</sup>. Não há, então, nenhum momento de união entre essas realidades. A ruptura é total e o processo de transformação será denominado “revolucionário”<sup>31</sup>.

Também neste aspecto Jerzy retrata aquilo que Freire vai admitir. É por não acreditar na transformação mecânica da realidade que este adotará a postura de uma utopia em concretização revolucionária. A utopia, para Freire, não é um puro sonho mas um método através do qual todos os homens assumem a história da humanização além da opressão.

E ao fazer caracterização da teoria marxista, Jerzy exclui também para Freire a possibilidade de ser considerado um utopista, segundo a concepção tradicional idealista. Sobre Marx, Jerzy afirma que não é um utopista porque não se ocupa na descrição de uma nova realidade mas sim na crítica da velha<sup>32</sup>. Na concepção ainda do mesmo autor, Freire só seria considerado utópico, se agrupado com os marxistas que consideram fundamental a luta

---

29 Jerzy SZACHI. *Op. Cit.* p. 13.

30 *Ibid* p. 14

31 *Ibid* p. 15-6

32 *Ibid* p. 16-7

comunista, sem esperar (conforme os mecanicistas) que a história se encarregue de realizar por si mesma tal situação: "o marxismo concentra-se no caminho que o leva a mundo novo; elabora a concepção do período intermediário que faz a ponte entre o velho e o novo. A utopia foi sempre uma ilha; ... Os comunistas acreditam na história, os utopistas não"<sup>33</sup>.

O conceito de Freire sobre utopia, vincula-se então, ao novo conceito de utopia introduzido na História do Pensamento Filosófico por Ernst BLOCH: utopia é processo histórico realizado pelo homem que luta alimentado na *esperança* de um novo homem<sup>34</sup>.

---

33 *Ibid.* p. 17.

34 Ernst BLOCH. *Das Prinzip Hoffnung*. Suhrkamp Verlag Frankfurt am Main, 1959.